

Aquela CARTA

"Eu iria até o inferno, se tivesse você ao meu lado."



Juan Neves

*O amor é apenas uma piada de mal gosto de alguém
sem amor paterno.*

Sumário

- Necessário.
- Pronto, foi molezinha.
- Coffee with milk.
- Book Stan.
- A verdade.
- Sorvete.
- Theodore.
- Eu vou te ajudar.
- Não somos amigos.
- Não precisa ter medo.
- Gay?
- Cadê o Theo?
- Ele não tem falado comigo.
- Desculpe!
- Amanhã é sábado!
- Eu me apaixonei por você.
- Bom jogo!
- É... ajudando o Theo?
- Chá.
- Piquenique Virtual.
- Você veio.
- Não quero mais, sempre preferi Pepsi.

Necessário.

Ophelia.

O céu já se encontrava escuro, com a lua minguante brilhando no centro da escuridão, rodeada por poucas estrelas. Enquanto aguardava Theo em frente ao banheiro masculino, abraçava meu próprio corpo para me aquecer.

Ele finalmente saiu, ainda vestindo o uniforme de líderes de torcida, mas com um casaco e os cabelos molhados.

— Você demorou apenas para colocar um casaco? — questionei.

— Eu tomei banho, não queria ir para casa cheirando a suor. — Ele entrelaçou seu braço ao meu e seguimos em direção ao estacionamento.

Já dentro do meu carro, Theo conectou sua playlist no rádio.

— Acho ridículo ensaiarmos por tantas horas! — ele reclamou enquanto colocava o cinto de segurança.

— Segundo a Keilla, é necessário — respondi, ligando o carro e deixando o estacionamento da escola.

Seus olhos castanhos reviraram por trás dos óculos, que, na minha opinião, eram um pouco grandes demais para o rosto pequeno e redondo de Theo.

— Perdi horas da minha vida com isso.

— Pelo menos amanhã não teremos ensaio.

— Pelo menos isso.

Mudamos de assunto e logo a expressão carrancuda de Theo se dissipou. Seu apartamento não ficava muito longe da escola, então chegamos rapidamente.

— Até amanhã — ele disse, pegando sua mochila no banco de trás.

— Até, não se atrase.

— Não foi culpa minha. — Ele me abraçou antes de sair do carro e correr para dentro.

Em seguida, retornei à estrada, percorrendo seis quadras até chegar em casa. Ela estava vazia, com um post-it amarelo colado na geladeira.

“Jantar no micro-ondas, não me espere, estou de plantão.

Beijos, sua mãe amorosa.

P.S.: Seria mais fácil mandar uma mensagem, não acha?”

Soltei uma pequena risada enquanto apertava alguns botões do micro-ondas para fazer o prato girar lá dentro.

Sentei em uma das banquetas na ilha da cozinha e, enquanto comia, dei uma olhada no feed do Instagram.

Meu pai e seu marido compartilharam com seus sessenta seguidores que agora são pais de um gato de estimação.

Fui para a cama logo após comer e fiquei assistindo a vídeos no TikTok até pegar no sono.

Pronto, foi molezinha.

Ophelia.

Estaciono o carro em frente a um edifício de cor azul, um tanto desgastado. Aperto o volante e me viro para Theo.

- Estamos prontos?

Ele balança a cabeça, negando.

- Eu posso ficar aqui, observando quem se aproxima.

- Mas é você quem vai entregar a carta.

- Eu?! Não! – Suas mãos pequenas e gordinhas seguram e apertam o cinto. – Estou atrasado, Clarissa vai me dar uma bronca.

- Posso dizer que você estava comigo.

- Já é a quarta vez que me atraso, não quero ser demitido.

- Então, vamos fazer isso logo, assim você chega na hora.

- Não, eu vou indo! Boa sorte.

- Theo, por favor. – Faço uma voz manhosa e ele solta um suspiro.

- Vai ter que me cobrir hoje.

- O que?!

- Eu realmente quero assistir a um filme.

Ergo uma das sobrancelhas.

- Meninas Malvadas: O Musical, tem a Lindsay Lohan.

- Você não pode assistir em outro dia?

- Você está me pedindo para invadir um prédio!

- Certo, certo, eu te cubro na livraria.

Ele dá um sorriso nervoso, mas concorda. Deixo o carro ao lado dele.

Theo

Repasso o plano maluco de Ophelia em minha mente, só preciso subir enquanto ela distrai o porteiro e passar a carta pela porta do apartamento 310, molezinha, nada demais, tudo certo.

Ela chama o síndico enquanto uma senhora sai do local, Ophelia segura o portão, deixando-o aberto. Demora um pouco até que o senhor usando uma camiseta social azul e uma calça preta saia do prédio. Aproveito essa oportunidade e corro para o estacionamento, me escondendo atrás de um carro verde.

Respiro fundo, Theodore, é molezinha.

Ophelia conversa com o síndico enquanto eu entro no edifício azul escuro e corro para o elevador. Minhas mãos estão tremendo e eu olho para a porta enquanto aperto várias vezes o botão do elevador. Ele se abre e eu volto a correr, sentindo que vou ter uma crise de asma a qualquer segundo.

O elevador se abre no terceiro andar e eu continuo caminhando, um pouco ofegante.

A porta do apartamento 310 se abre, revelando a pessoa de quem Ophelia gosta. Ele é alto, com cerca de 1,76 metro, cabelos pretos e ondulados. Seus olhos têm um tom suave e acolhedor de castanho. A luz do sol que entra por uma das janelas ilumina o corredor, deixando suas íris com um leve tom dourado.

- Matias – digo, colocando a carta em suas mãos.

Me viro e volto rapidamente para dentro do elevador, enquanto ele me chama atrás de mim.

Pronto, foi molezinha.

Coffee with milk

Mateo.

O menino continua a andar, mesmo quando o chamo. Olho para a carta em minhas mãos.

Por que diabos Theodore Hernandez entregaria uma carta ao meu irmão gêmeo?

Balano a cabeça e decido ir para o meu almoço com Mateus antes que eu me atrase. Levo cerca de quarenta minutos para chegar no Coffee with milk, e lá está ele. Mateus, com seus cabelos castanhos escuros um pouco abaixo da orelha, olhos azuis e uma barba por fazer.

- Você está atrasado – ele diz, olhando para o relógio de pulso. – Tenho pouco tempo para almoçar antes de voltar para o estágio.

- Desculpe, um menino me parou e me deu isso.

- Espere um momento, um menino te deu?

Reviro os olhos e me sento em frente a ele.

- Ele me deu a carta, está endereçada ao Matias.

- Ah sim, agora faz mais sentido – ele abre uma lata de Coca-Cola e coloca em minha frente. – Ele te deu pensando que você era o Matias.

Fecho os olhos e solto um gemido de frustração.

- Por favor, poupe-me dos detalhes, estou almoçando.

- Estou falando sério!

- Eu também! – ele levanta o garfo até a minha vista. – Está vendo, estou almoçando.

- Estou falando sobre Theodore ter me dado a carta.

- Hum, temos um nome – ele enfia a comida na boca. – Não deixe o Matias saber, ele pode ficar com ciúmes.

Dou um tapa em sua testa.

- Não seja idiota.

- Certo, certo – ele coloca o prato que estava ao seu lado na minha frente.
– Pedi lasanha de queijo para você, se a carta era para o Matias, o que ela está fazendo em suas mãos?

- Acho que ele me confundiu com o Matias.

- Hum, vamos ler a carta?

- Será que devo?

- Claro que sim, o Matias já não está em bons termos com o Dan, uma carta amorosa de um garoto não vai ajudar em nada.

- Certo, você tem um bom ponto.

- Não perca meu tempo de almoço – ele pega o envelope lacrado com um coração de adesivo das minhas mãos. – Deixe-me ler isso.

Dou um gole no meu refrigerante enquanto ele limpa a garganta.

- Bom, querido Matias, não sei se você sabe quem eu sou. Mas eu sei quem você é. Uma vez, eu estava tendo dificuldades para estacionar meu carro e você me ajudou, me dizendo onde eu deveria ir – penso comigo mesmo que Theodore não tem carro. – Caso não saiba, sou Ophelia O'Conor, e bem, como você deve ter percebido, eu gosto de você. Sou líder de torcida e sempre torço mais por você do que por qualquer outra pessoa.

Enquanto Mateus ri, minha mente e meu coração doem. A garota de quem gosto há dois anos está interessada no meu irmão gêmeo, que é gay.

Book Stan

Ophelia

Deixo Theo em sua casa e sigo para a Book Stan, uma livraria que está localizada em um prédio de arquitetura clássica. Antigamente, eu costumava passar as tardes lá com Theo. Enquanto eu buscava refúgio do divórcio dos meus pais, Theo buscava – e ainda busca – refúgio de uma família conturbada.

Estaciono o meu carro em uma das vagas disponíveis ao lado da Book Stan. O som do sino acima da porta anuncia a minha entrada, e Clarissa, que estava folheando um livro de poesia no balcão principal, me avista. Suas sobrancelhas ruivas apagadas se juntam e sua testa se franze.

- O que você está fazendo aqui em sua folga? – Ela sai de trás do balcão e me dá um leve abraço. – Cadê o Theo? Ele está atrasado.

- Vim cobri-lo hoje.

- Ah, entendi. Você veio?

- Sim.

Ela estreita os olhos e cruza os braços. Clarissa tem seus cinquenta e poucos anos, mas a juventude claramente não a abandonou. Com a postura reta de uma bailarina, ela usa um vestido longo rosa pálido que não chega até seus pés, e um coque no cabelo.

- O que vocês estão aprontando? – Ela se inclina para frente. – Houve algum problema com a mãe de Theo?

- Não, nada disso. Ele me pediu para vir.

- Você?

- Por que a surpresa?

- Você, ontem estava comemorando por estar de folga.

- Eu? – Levo a mão ao peito com falsa indignação. – Jamais faria tal coisa.

Clarissa sorri e balança a cabeça.

- Aquele garoto por quem você tem uma paixão está aqui. – Ela diz, voltando para trás do balcão.

- O quê?! E você só me diz isso agora?

Sem esperar por sua resposta, corro para o salão, onde o avisto – talvez ele tenha lido minha carta e esteja aqui, me esperando.

Matias Alford, com seus cabelos negros e ondulados, maxilar marcado por uma pequena pinta atrás da orelha que tem dois piercings, está de costas para mim, segurando a mão de outro garoto loiro de olhos escuros, que está usando um sobretudo de couro sintético.

Dou um passo para trás, o garoto loiro retira sua mão de debaixo da de Matias e diz algo a ele com a testa franzida. Em seguida, o garoto de cabelo loiro se levanta e Matias abaixa a cabeça, enquanto o primeiro passa por mim e sai da livraria.

O que diabos aconteceu aqui?

Solto um suspiro e me aproximo do garoto que gosto, Matias está chorando. Toco suas costas e o abraço.

Matias

Levei um fora do garoto que eu achava que amava, estou chorando em um lugar público e ainda tem uma garota que mal conheço me abraçando.

Me solto de seus braços e me levanto.

- Matias, eu...

Não escuto o que ela tem a dizer e saio da livraria.

A verdade

Mateo

Já se passou uma semana desde que Ophelia pediu a Theodore para entregar a carta ao meu irmão, mas, por algum motivo, acabou parando em minhas mãos. Até o momento, não encontrei uma oportunidade adequada para devolvê-la a ela.

Matias está passando por um momento difícil após o repentino término com Don. Parece que Don queria que meu irmão se assumisse publicamente para toda a cidade, com postagens no Instagram e tudo mais. No entanto, como meu irmão se recusou, Don decidiu acabar com o relacionamento. Por isso, não posso contar a ele sobre Ophelia e pedir sua ajuda.

E é por isso que estou entrando na quadra fechada após o término dos ensaios das líderes de torcida. Todas as garotas me seguem com os olhos, exceto a garota que está agachada ao lado de seu melhor amigo, arrumando suas coisas. Esse mesmo amigo foi quem me entregou a carta que está em meu bolso.

- Oi, Ophelia. – Meus batimentos cardíacos aceleram, minhas pernas tremem e minhas mãos suam.

Ela dá um pulo ao pisar sem querer nos dedos de Theodore, que solta um grito que ecoa por toda a quadra.

- Meu Deus! Desculpe, Theo! – Ela se levanta e me abre um sorriso, provavelmente pensando que sou meu irmão. – Oi, Mateo.

Dou um sorriso surpreso.

- Oi?

Theodore se levanta e fica ao lado de sua amiga, e só agora percebo que ele é bem mais baixo que ela.

- Eu queria... – Tento dizer, mas seu sorriso cheio de esperança aperta meu coração e deixa suas marcas lá. Dou um passo para trás. – Queria dizer... que...

- O que você quer dizer? – Theodore pergunta impaciente, levando uma cotovelada que, na minha opinião, era para acertar sua barriga, mas devido à diferença de altura, acabou acertando seu peito.

- Desculpe pelo Theo, ele está com fome. – Ophelia sorri simpaticamente, e percebo que não vou conseguir dizer a verdade a ela. – O que você tem a me dizer?

- Matias pediu para eu dizer que ele leu sua carta! – Digo rapidamente, arrependendo-me da mentira que contei.

- Sério? – Seus olhos brilham, e a única coisa que consigo fazer é concordar com a cabeça. – E o que mais ele disse?

- Que precisa saber mais sobre você antes de encontrá-la.

- E por que ele mesmo não diz isso? – Theodore pergunta.

- Bem... ele está um pouco envergonhado.

Sorvete

Ophelia

Estou sentada ao lado de Mateo – ainda um pouco surpresa – aguardando a chegada de Theo.

- O que ele disse sobre a minha carta? – Me viro em sua direção.

- Ele quem?

- O Matias, é claro.

Ele solta uma risadinha fraca.

- Ah, ele gostou. Achou impressionante a sua coragem em invadir o nosso prédio.

- Ah, aquilo não foi nada.

- Foi algo sim! – Diz Theo, saindo do vestiário com os cabelos úmidos. – Eu poderia ter sido preso.

- Mas não foi. – Me levanto e entrelaço nossos braços.

Hoje o ensaio durou menos tempo do que o habitual. Ainda são 16:46 e o sol brilha fracamente no céu.

- Posso acompanhá-los? – Mateo pergunta, levantando-se.

- Claro, pode.

Seguimos em silêncio até o estacionamento. Faltando alguns metros para chegar ao meu carro, o celular de Theo toca.

- Oi. – Ele diz ao atender. Por um instante, ele não diz nada, apenas concorda com a cabeça.

Seus olhos encontram os meus e percebo a aflição neles. Aconteceu algo com a mãe dele, tenho certeza disso.

- Eu tenho que ir. Diga para a Clarissa que eu explico depois. – Theo me dá um abraço rápido e caminha para fora da escola.

- Aconteceu algo? – Mateo me pergunta.

- Não, não, está tudo bem. – Minto, pois não sei se Theo gostaria que ele soubesse o que se passa dentro de sua casa.

Na verdade, nem eu sei direito. Theo é muito reservado sobre esse assunto. O conheci na oitava série, ele faltava muito e era muito calado. Só depois descobri que, após o nascimento dele, a mãe de Theo ficou depressiva. E às vezes ele faltava para ajudar a cuidar dela.

- Tem certeza?

- Absoluta.

- Quer fazer alguma coisa?

- Que tipo de coisa?

Ele olha ao redor e faço o mesmo.

- Tem uma barraquinha de sorvete do outro lado da rua. Podemos tomar um, se quiser.

Dou um sorriso.

- Quero sim!

Ele sorri de volta e seguimos para fora da escola, tomando sorvetes enquanto o céu escurece.

Theodore

Ophelia

Chego alguns minutos atrasada na aula de química, e o professor me lança um olhar de repreensão. Posso até culpar Theo por isso, já que ele não me avisou que iria faltar, pela quarta vez nesta semana.

Desde que Theo correu para casa há uma semana, ele deixou de ir para a escola e para a livraria. Não consigo evitar ficar preocupada, mal consigo dormir com isso. Theo simplesmente desapareceu, não atende minhas ligações, não responde às mensagens e não aparece quando o chamo no interfone de seu apartamento. Já estou acostumada com seus sumiços, mas se não fosse pelo Mateo, estaria ainda mais preocupada.

- Theodore faltou de novo? – Ele pergunta assim que me sento ao seu lado.

- Sim, ele nunca ficou tanto tempo longe da escola. – Pego meus livros. – Ele sempre tentava pelo menos aparecer na Book Stan, e nem isso ele está fazendo.

- Você não pode subir no apartamento?

- Não, eu não tenho permissão para entrar lá. – Digo em um sussurro, pois agora percebo que nunca entrei em seu apartamento.

- Sério? Vocês não são melhores amigos?

- Somos, mas... mas...

Não quero expor a situação que Theo enfrenta em sua casa.

- Por favor, senhorita O'Coonor, preste atenção na aula, já que chegou atrasada.

Agradeço ao professor por me interromper e me viro para a frente, prestando atenção na aula.

A escola termina e saio às pressas antes que Keilla me encontre e me arraste para o treino de líderes de torcida.

Mateo está me esperando na frente do meu carro, apoiado no capô.

- Vai para a casa de Theodore?

- Vou dar uma passada lá antes de ir para a Book Stan, por quê?

- Posso ir com você?

- Claro!

Eu vou te ajudar

Mateo

Volto para casa após acompanhar Ophelia até o apartamento de Theodore e a livraria, porém, ele não estava em nenhum dos dois lugares. Perguntamos ao síndico, que informou que apenas Miranda, a irmã mais velha de Theodore, esteve lá e já havia partido. Fico curioso para saber o que aconteceu para que ele não fosse nem ao trabalho, nem à escola. O que será que a mãe dele fez para ele sumir assim?

- Querido, você já chegou?_ Minha mãe pergunta ao sair da cozinha.

- Sim!

- Por que você chegou depois do Tias?

- Estava ajudando uma amiga._ Respondo, um pouco hesitante.

-Uma amiga?

- Sim, uma amiga.

Decidi há alguns dias que vou contar a Matias o que fiz, mas não sei como fazer isso.

- O Tias está?_ Pergunto, um pouco receoso.

- Sim, ele está no quarto.

Suspiro e vou até o quarto que divido com meu irmão gêmeo. Matias está deitado, enrolado em seu cobertor, virado para a parede.

- Tias?_ Ele resmunga em resposta. – Tenho algo para te contar.

Fecho a porta atrás de mim e sento em sua cama. Ele me olha por cima do ombro.

- O que você tem para me dizer?

- Eu... eu...

Ele se senta na cama, olhando atentamente para mim.

- Você o que?_ Suas sobrancelhas se erguem.

- Um menino deixou uma carta para você.

- O Don?

- Não._ Balanço a cabeça negativamente.- Na carta tinha uma confissão de amor, mas não era do menino. Era de uma menina, Ophelia, Ophelia O'Coonor, e eu...

- Você veio me entregar a carta?

- Não, a Ophelia... eu... gosto dela._ Ele assente.- Eu fui lá para entregar a carta, mas acabei dizendo que você estava interessado nela.

- Você o que?!

Ele salta da cama.

- Eu sei, desculpa, desculpa, mas você precisa me ajudar!

- Ajudar? Como? Pedir ela em namoro? Ou trocar de identidade com você?!

Sei que ele não está sugerindo isso, seu tom de voz está elevado, vejo veias saltando em seu pescoço. Ele está irritado por eu ter tomado a frente de uma situação que dizia respeito apenas a ele.

- Desculpa! Eu ia contar para ela, mas ela parecia tão esperançosa que não quis magoá-la.

- E então você decidiu dar mais esperanças a ela.

- Eu sei, mas não era isso que eu queria_ Puxo meus cabelos.- Se você puder ao menos encontrá-la.

- Não vai rolar._ Ele diz ríspido.- Eu não gosto de garotas, você sabe muito bem disso.

- Mas você nem é assumido.

Me arrependo do que disse assim que vejo a surpresa nos olhos do meu irmão, um amargor sobe pela minha garganta e se instala no céu da minha boca.

- Vá se ferrar!_ Ele diz antes de sair do quarto.

Não vejo Matias pelo resto da noite, ele não participa do jantar e não aparece depois disso.

Já estou deitado em minha cama, fingindo estar dormindo, quando ouço ele soltar uma respiração pesada.

- Tá._ Ele diz.

Não me manifesto.

- Eu vou te ajudar._ Tento segurar ao máximo meu sorriso. – Sei que você está acordado.

O olho por cima do ombro.

- Desculpa por dizer aquilo.

- Você não mentiu, mas, por favor, não diga mais isso.

Não nos falamos mais, ele deita em sua cama e adormece, mas percebo que foi por isso que ele terminou com Don. Don vinha o pressionando para que ele se assumisse.

Não somos amigos

Ophelia

Theo está me esperando ao lado do meu carro assim que deixo a minha casa. Ele está vestindo um moletom um tamanho maior que o seu corpo, com a estampa de algum anime que ele adora, e calça de pijama com um all star preto. Abaixo de seus olhos, há olheiras profundas e sua expressão denota cansaço.

- Por onde você esteve? – Eu o abraço.- Fiquei preocupada.

“Desculpe por não atender, fiquei com a minha mãe no hospital e mal tive tempo de voltar para casa.”

- Ah meu Deus, Theo, sinto muito.

Ele sorri fracamente.

- Podemos não falar sobre isso?

Eu quero perguntar sobre o que aconteceu, quero que ele desabafe comigo, que não haja segredos entre nós, mas sei que ele já está sobrecarregado com tudo isso. Falar é algo para o qual ele ainda não está preparado, então apenas concordo com a cabeça.

Não falamos durante o caminho para a escola, apenas escutamos as músicas aleatórias da rádio. Theo cochila com a cabeça encostada na janela enquanto uma garoa fina cai lá fora.

Keilla nos intercepta assim que deixamos o carro. Keilla é alta, tem cabelos ondulados em um tom de castanho mel que combina perfeitamente com seus olhos verdes e sua pele escura. Seus lábios estão sempre repletos de gloss e seu delineado é perfeito.

- Theo, por onde você esteve?! – Ela diz, tirando o pirulito da boca.

- Eu estava gripado, foi mal.

Ela dá um passo para trás.

- Sabe que precisamos de você, avise da próxima vez. – Ela não parece furiosa, ela nunca expressa seus verdadeiros sentimentos. Ela ameaça sair, mas logo se volta para Theo novamente.- Aliás, você pode ficar depois do ensaio para ensaiar um pouco mais?

Theo me olha rapidamente. Geralmente, ele sempre inventa alguma desculpa para não passar tanto tempo nos ensaios, mas dessa vez ele apenas solta um suspiro resignado e concorda com a cabeça.

Theo

Quando a chuva intensa cai, e eu, estou debaixo de uma cobertura vendo a noite chegar, é que me arrependo de não ter aceitado que Lia ficasse e me esperasse.

Como diabos eu irei embora?

Olho para os lados em busca de alguma ajuda, mas não há ninguém. Estou sozinho na frente da escola depois de ter ensaiado por quatro horas seguidas.

Cruzo os braços, em uma tentativa falha de esperar a chuva passar. Quando mais espero, mais a chuva fica forte e tensa e mais a noite cai.

Tiro os meus óculos e o coloco dentro da mochila, aperto as alças solto um suspiro pesado e começo a caminhar.

Nem faz cinco minutos que estou andando e já estou enxergado, as gotas cai com agulhas em minha pele.

Ouçó alguém gritar não tão longe dali, mas não me viro para ver a quem a voz pertence. Penso em correr quando ouço passos apressados atrás de mim, mas não quero ter uma crise de asma.

Uma mão toca o meu ombro e eu sobressalto.

- Não escutou eu te chamando?_ Solto um suspiro aliviado, é só o Mateo.

- Não, o que tá fazendo aqui a essas horas?

Ele me cobre com o seu guarda-chuva e da um sorriso simpático.

- Estava treinando.

- Tá, tchau.

- Ei, espera._ Ele segura o meu braço. – Posso levá-lo até sua casa.

- Obrigado pela intenção, mas não precisa.

- Não vai me fazer mal algum.

- Mateo, não somos amigos, você pode estar andando com a Lia, mas ainda sim, não somos amigos.

- Não sou o Mateo._ Ele sorri.- Sou o Matias, acho que vou pintar o cabelo para nós diferenciar.

- Legal, vou indo.

- Vou levá-lo para casa.

- Sério, não precisa.

- Você vai acabar resfriado.

- E por que você se importa?

- Hum, você é líder de torcida, não é?

- Sim, e o que isso tem a ver com o fato de eu está indo para casa na chuva?

- Como vai torcer por mim se estiver resfriado?

- Não torço por você.

- Torce pelo time, e eu sou do time, ou seja, você torce por mim.

- Cara, eu quero chegar antes do jantar.

- Então, vamos nos apressar._ Ele entrelaça o seu braço ao meu e sai me puxando.

Sei que deveria ter perguntando algo que fosse ajudar Ophelia, mas, permaneci o caminho inteiro calado, Matias também não se esforçou para manter um diálogo comigo, acredito que assim foi melhor.

Não precisa ter medo

Ophelia

- Está bem, tenho certeza de que posso ganhar aquele urso – Mateo me assegura, pela terceira vez.

- Certo, você disse a mesma coisa nas outras vezes, desta vez você tem que conseguir.

- Eu vou conseguir, segure isso para mim, por favor – Ele me entrega o seu copo de milk-shake. – Estou confiante.

Ele esfrega as mãos e dá mais vinte dólares para o homem atrás da barraca, que lhe entrega uma arma de dardos.

- Estou pronto.

- Tem certeza?

- Absoluta!

Mateo se inclina um pouco para a frente, apoiando os cotovelos na bancada de madeira. Com um olhar determinado, ele lança o primeiro dardo. Quase acerta, mas é apenas no quarto que ele consegue, quando as esperanças já haviam se dissipado.

Dou um grito de surpresa e ele solta uma exclamação de alegria, jogando a fileira de dardos na barraca e me abraçando. Rimos juntos, enquanto o homem sorri e desamarra o urso de pelúcia.

- Aqui está o urso de pelúcia.

- Obrigado, amigo! – Mateo o pega e logo me entrega.

Saímos dali de braços dados, devolvo a ele o seu copo de milk-shake. Mateo olha ao redor e então decide parar.

- Vamos na roda gigante?

Confesso que esperei por isso a noite toda, mas Mateo confessou hoje mais cedo, quando saímos da escola, que tinha um pouco de medo de altura, então não o forçaria a ir comigo lá.

- Tem certeza? Não quero te pressionar a fazer nada.

- Se eu estiver com você, sinto que posso enfrentar qualquer medo.

Dou um sorriso, sentindo minhas bochechas corarem.

- Então, vamos?

- Vamos!

Seguimos até o final do parque, ele compra as fichas e nos sentamos nos bancos de metal frio. Coloco o urso de pelúcia no meu colo e espero a roda gigante começar a girar e nos levar para cima.

Estamos cada vez mais alto, Mateo segura a barra de proteção como se sua vida dependesse disso. Então, tomo uma decisão um pouco impulsiva e seguro a sua mão.

- Não precisa ter medo – Digo próximo ao seu ouvido. – Eu estou aqui.

Ele sorri e aperta minha mão. Mateo volta a abrir os olhos e se vira para mim. Sinto meu coração acelerar ao ver seu sorriso.

- Meu Deus, isso foi incrível! – Ele diz quando saímos do brinquedo.

- Está vendo? Não é o fim do mundo.

- Com você, eu enfrentaria até um ataque zumbi.

Damos um sorriso.

- Acho melhor irmos embora, não é? – Ele diz.

Olho para a tela do meu celular e sim, já é hora de voltar para casa.

- Sim, vamos. Eu te levo para casa.

Vamos o caminho todo com um Mateo muito animado com a playlist, cantando e até dançando sentado.

- Obrigada pelo dia de hoje.

- De nada, é uma honra sair com você.

- É muito divertido sair com você.

Ele sorri.

- Tchau, Lia.

- Tchau, Teo.

Ele já está com um pé fora do carro quando volta para dentro.

- Vou conseguir marcar um encontro seu com o meu irmão – Ele não espera por minha resposta, me dá um beijo na bochecha e corre para dentro de seu apartamento.

Chego em casa com um sorriso no rosto e, sinceramente, não sei o motivo, mas posso afirmar que não é pelo tal encontro com o Matias.

Gay?

Mateo

Depois de terminar de organizar a sala, enquanto Tias preparava a bancada de frios e outros aperitivos, verifiquei mais uma vez se meus pais ficariam fora de casa por mais algumas horas, e confirmado, eles ficariam.

- Teo, sem querer dizer nada – ele colocou a bancada de frios na mesa de centro.- Mas você disse que a noite de quarta foi boa, por que mais mentiras?

- Tias, você realmente acha que ela vai me perdoar por isso?

- Acredito que sim, ela parece ser uma boa pessoa.

- Eu estava sendo irônico, Ophelia nunca vai me perdoar por mentir para ela. Mas eu vou contar a verdade, só não hoje, tudo bem?

- Você que sabe, mas quanto mais tempo demorar para contar, mais difícil será para ela aceitar suas desculpas.

Decidi ignorar e fui para o quarto que dividia com ele para trocar de roupa.

Não demorou muito para que Ophelia chegasse, e não estava sozinha, Theodore estava ao seu lado. Ela usava um vestido azul que ia além dos joelhos, com mangas bufantes e duas fitas azuis presas atrás do cabelo. Já o seu amigo usava uma calça jeans um pouco desgastada, uma camiseta branca e um cardigan amarelo pastel.

Theodore sorriu, mostrando que não queria estar ali.

- Oi, por favor, entrem – eu dei um passo para o lado permitindo que os dois entrassem.

- Espero que não se importe de eu ter trazido o Theo – Ophelia disse. Eu sabia que havia algo por trás desse pretexto, mas não insisti para que ela me contasse.

- Sem problema algum.

Os dois me seguiram para dentro da sala.

- Matias, a Ophelia está aqui – meu irmão disse, enquanto ainda estava virado organizando as almofadas do sofá.

- Ah, você! – Matias apontou para Theodore. – O líder de torcida empurrado.

Assim como eu, Ophelia olhou para eles um tanto surpresa.

- É, sou eu – Theodore se aproximou mais de sua amiga. – Depois eu explico – ele sussurrou.

- Você não está com calor nesse cardigan? – ele foi até Theodore e o ajudou a tirar o casaco. – Posso guardar isso para você, só um instante.

- Não precisava, mas obrigado.

- Ah, que nada, estou apenas sendo cortês – ela foi para o nosso quarto e voltou logo em seguida. – Quer tomar alguma coisa, uma Pepsi?

- Não, muito obrigado – Theodore segurou a mão de Ophelia e a guiou até o sofá, sentando ao lado dela.

- E você, Lia, quer alguma coisa? – perguntei.

- Tem suco?

- Tem, sim. Eu e Tias vamos pegar.

Segurando meu irmão pelo cotovelo, o conduzi até a nossa modesta cozinha.

- O que você está fazendo? – questiono

- Nada, estou apenas seguindo o plano – respondeu ele.

- O plano era conversar com Ophelia, não tentar flertar com o melhor amigo dela – eu retruco.

- Eu não estou fazendo isso - negou.

- Você está sim! Por favor, leve isso mais a sério – peço a ele.

- Tudo bem, tudo bem. Mas não estaria errado se você decidisse contar a verdade – ele argumentou.

- Eu vou contar, apenas peço que espere o meu momento - respondi.

- Estou esperando, mas não quero me privar de ser quem eu realmente sou para se encaixar na sua mentira – ele expressou sua preocupação.

- Tias, apenas nossa família sabe que você é gay, você está acostumado a mentir – digo.

- Gay? – Lia disse na porta. Ela deu um passo para trás, chocando seu corpo com o de Theodore. – Eu preciso sair daqui.

Ela não esperou por uma explicação ou pelo seu melhor amigo, apenas saiu dali, nos deixando para trás.

Cadê o Theo?

Ophelia

Estou chorando quando bato a porta atrás de mim. Não penso em me trancar no quarto para que minha mãe não me veja nesse estado, apenas vou para o sofá, abraço minhas pernas e continuo a chorar.

Já estou mais calma quando a noite começa a cair. Meu celular continua tocando com ligações do Mateo, e Theo acaba de chegar, mas ainda está do lado de fora batendo na porta.

- Sabe que não vou embora até você abrir a porta, não sabe? – ele diz.

Dou um suspiro pesado, estou exausta. Me forço a ficar de pé e abrir a porta.

Theo me abraça antes mesmo de entrar em minha casa, era disso que eu precisava. Volto a chorar em seu ombro, ele se abaixa no chão me levando junto. Fico ali, não sei por quanto tempo, até me sentir um pouco melhor e o frio me fazer tremer.

Tomo um banho enquanto Theo faz chocolate quente para nós. Depois ficamos deitados em minha cama até eu pegar no sono.

Acordo sem meu melhor amigo ao meu lado, mas sei que ele não podia ficar. Ele sempre tem que estar de prontidão caso sua mãe precise de algo.

Tomo outro banho, visto alguma roupa confortável e me sento no sofá. Mateo me ligou diversas vezes durante toda a madrugada, ignoro todas aquelas notificações e retorno a ligação do meu pai.

No segundo toque, ele me atende.

- *Oi querida, como está?* – ele pergunta.

- Oi papai, estou bem, e você?

- *Estou incrivelmente bem. Estou ligando para dizer que vou aí no final de semana.*

- Sério? – minha animação toma conta de mim.

- *Sim, estou tão animado para te ver torcer!* – ele diz. O meu silêncio gera um vazio em nossa comunicação. – *O Mick vai, tem algum problema?*

Reviro os olhos, eu adoro o Mick.

- Pai, sem problemas algum, eu adoro o Mick.

Consigo até ouvir o sorriso do outro lado da linha.

- *Ah, que bom. Então estaremos aí em breve. Deixe eu ir, pois tenho que levar o Dot para a creche.*

“Tudo bem, tchau.”

- *Te amo!*

“Também te amo.”

Ignoro Mateo e Matias durante a aula e não vou ao ensaio das líderes de torcida. Theo não só faltou na escola, como também faltou na Book Stan.

- Cadê o Theo?_ Pergunto a Clarissa.

- Ele não te falou?"_ Ela responde.

- Falou o quê?

- Theo veio aqui mais cedo, ele parecia arrasado._ Ela me puxa para mais perto dela.- Os olhos vermelhos e inchados, ele veio aqui, entregou o crachá e disse que não queria mais trabalhar aqui.

- O que?!_ Digo, surpresa, e Clarissa assente.- Theo ama trabalhar aqui.

- E acha que eu não sei, mas resolvi não perguntar o porquê. Ele não parecia bem e acredito que não queria dividir a dor com ninguém.

- Como você o deixou sair daqui nesse estado?

- Lia, não sou responsável pelo Theo. Não posso prendê-lo aqui.

Sei que ela tem razão, mas saio dali às pressas, vou até o estacionamento e disco rapidamente o número de Theo, apenas para cair na caixa postal.

“Oi, aqui é o Theo... acho que Theo é muito íntimo”, dizemos, rindo ao fundo.

*“Só continue, você só passa o seu número para quem é íntimo”, digo ao fundo.
“É, você tem razão, sou o Theo e deixe sua mensagem, tchau!”*

Ligo mais umas quinze vezes, mas todas caem na caixa postal.

Preciso saber o que está acontecendo com o Theo.

Ele não tem falado comigo

Ophelia

Meu pai chega na sexta à noite, com uma mala de mão e uma garrafa de vinho na outra. Mick está a um passo de distância com um sorriso contido no rosto. Só o vi uma única vez, que foi em seu casamento com o meu pai.

Mick é alto, tem a pele negra, os cachos caem em cascata, moldando o seu rosto. Por baixo do sobretudo, ele usa um casaco de lã azul oxford junto a um jeans skinny.

- Olá, querida – Meu pai diz, abrindo os braços. Eu o abraço. – Como eu senti falta disso.

- Harry e Mick! – Minha mãe diz, deixando a cozinha. – Entrem, entrem!

Minha mãe abraça Mick primeiro, o ajuda a tirar o seu sobretudo e colocá-lo no armário.

- Pensei que veria o Theo – Meu pai diz enquanto voltamos do quarto dos hóspedes.

- Ele não tem falado comigo.

- O que? – Ele me questiona com o cenho franzido. – O que houve entre vocês dois?

- Nada, absolutamente nada, ele só... ele só sumiu.

- Sumiu...

Meu pai abre a boca para dizer algo, mas minha mãe o chama e ele logo sai.

- Desculpe se estou sendo intrometido – Mick diz baixo. – Mas, você não tem ideia do porquê dele ter sumido?

Cogito a ideia de desconversar um assunto tão delicado para Theo, mas Mick é da família.

- A mãe dele tem alguns problemas psicológicos, ele deve estar cuidando dela.

Mick retorce os lábios, pensativo.

- Já pensou em ir na casa dele?

- Não, eu não sou liberada lá.

- Nunca foi na casa dele?

- Não – Me sinto envergonhada ao dizer isso. – Deveria ir lá, não é?

- Acredito que sim.

- Vocês dois! – Meu pai grita da mesa. – Venham jantar, não ficarei esperando por muito tempo!

Mick inicia uma caminhada, mas eu o interrompo ficando à sua frente.

- Obrigada – Dou um abraço me juntando aos meus pais na mesa de jantar.



Deixo a escola às pressas, ao entrar no estacionamento, corro literalmente até o meu carro encontrando Mateo, que está sentado no meu capô.

- Lia, podemos conversar?

- Não, saia do meu carro antes que eu cometa um crime de ódio!

Ele desce do capô ficando em minha frente.

- É sério, precisamos conversar – Sua mão se ergue para me tocar, mas logo recua. – Eu fiz besteira, eu sei, me desculpa.

Respiro fundo, contando até três mentalmente me forçando a ignorar o efeito que ele causa em meu corpo, passo por ele entrando em meu carro e saindo dali.

Sem Mateo, sem distrações.

Depois de encontrar o sobrenome de Theo nas caixas de correio, subo até o quinto andar pelas escadas de incêndio, indo em direção ao apartamento 205, apenas para encontrar Matias sentado no chão com as pernas esticadas enquanto saboreia um saco de batatas industrializadas.

- O que faz aqui?

- Acho que o mesmo que você – Ele se ergue do chão limpando as mãos na sua calça jeans. – Mas, o Theodore não está.

- E como você pode saber?

- Bom, estou aqui desde de manhã, e andei falando com alguns vizinhos. Parece que o nosso querido Theodore saiu há dois dias acompanhado da mãe e da irmã, e só ela veio aqui ontem, mas, não ficou por muito tempo.

Decido tirar minhas próprias conclusões e vou até a porta batendo algumas vezes, digo que sou eu, dou mais algumas batidas e quando ninguém sai, percebo que já é hora de ir embora, Theo não está.

- Ei! – Matias grita quando eu me afasto. – Pode me passar o número dele?

O ignoro, deixando o prédio.

Desculpe!

Ophelia

Passei o restante do dia sem me concentrar em nada do que estava fazendo, a única coisa que ocupava a minha mente era Theo.

Não sequei o meu cabelo, fui direto para a cama com a cabeça pesada, coloquei o meu celular debaixo do meu travesseiro e fiquei me remexendo até que o aparelho tocou a música que escolhi apenas para as notificações direcionadas ao Theo.

- Onde você esteve? – Perguntei, me sentando.

- Desculpe! – Sua voz soou exausta do outro lado da linha. – Minha mãe teve uma crise e não queria que eu a deixasse.

- E onde estava o seu celular?

- Deixei em casa. Aliás, como o Matias descobriu onde eu moro?

- Ele ainda estava aí?

- Ainda? Desde quando esse rato está na porta da minha casa?

Amanhã é sábado!

Ophelia

Já se passou uma semana desde que meu pai chegou em casa, ele ficará até domingo, dia do grande jogo. Ele deseja me ver, mas, para ser sincera, não tenho certeza de como vou conseguir me apresentar. As coisas têm se tornado mais difíceis na casa de Theo, sua irmã está se mudando para Santa Mônica e agora Theo tem que dedicar quase todo o seu tempo a ficar em casa, estamos faltando aos ensaios e evitando Keilla.

- Querida, poderia, por favor, me ajudar a montar a mesa? – Mick me pergunta com uma pilha de pratos nas mãos.

- Sim, claro! – Deixo o meu celular no sofá e vou até a cozinha pegar os jogos americanos.

- E então – ele coloca um prato sobre o jogo americano lilás que acabei de posicionar na mesa – Como está seu amigo?

- Ah, ele reapareceu, a mãe dele teve alguns problemas e ele ficou ajudando a cuidar dela.

- Ah sim, fico contente que tudo esteja bem com ele.

- Quem? – Pergunta meu pai, colocando os copos à direita dos pratos.

- Theo.

- O que aconteceu com ele?

- A mãe dele teve uma crise e ficou alguns dias em um hospital. Ele ficou com ela.

- Ah, tenho tanta pena desse garoto – diz minha mãe saindo da cozinha – Ele perdeu o pai antes mesmo de conhecê-lo, foi criado pela irmã e agora até ela está partindo e ele precisa ficar.

- É uma situação muito complicada.

Estava prestes a expressar minha opinião sobre a situação de Theo, mas fui interrompida pelo toque do meu celular. Peço licença e saio da sala, pensando em ir lá fora para ver o que Keilla quer, no entanto, uma tempestade cai em pleno verão.

- Olá, Keilla, está tudo bem?

- Onde você e Theo estiveram?

- Estivemos com horários apertados entre estudar para os exames e trabalhar, desculpe.

- Minta para outra, Matias acabou de passar aqui e disse que tem ido à livraria onde vocês trabalham há uma semana, mas é mais raro ver algum de vocês lá do que chover ouro do céu.

- Olha, Keilla...

- Não me venha com desculpas, estamos a dois dias da grande apresentação, apareça para o ensaio amanhã, sem desculpas.

- Amanhã é sábado!

- Não teria que vir se tivesse comparecido aos outros treinos.

Ela não espera minha despedida, desliga sem mais delongas.

Eu me apaixonei por você

Ophelia

A chuva intensa persiste no céu quando terminamos nosso jantar. Meu pai vai ajudar minha mãe com a louça enquanto eu e Mick nos encarregamos de limpar a mesa. Um raio cai do céu, encontrando o chão, quando a campainha soa.

- Permita-me atender. – Eu me ofereço, indo em direção à porta.

Ao abrir a porta, lamento instantaneamente. Quem está diante de mim, encharcado e aparentando exaustão, é Mateo.

- O que você está fazendo aqui?

- Eu... – Ele para para respirar. – Eu vim me desculpar.

- As mensagens não lidas e as ligações não atendidas não foram suficientes para você?

- Não, eu teria parado se você tivesse me bloqueado. – Ele joga o cabelo para trás e passa a língua pelos lábios inferiores. – Por favor, Lia, aceite minhas desculpas. Sei que o que fiz não foi correto, mas tente entender minha razão.

- Sua razão foi fazer pouco de mim, me fez parecer uma idiota.

- Não...

- O que está acontecendo aqui? – Minha mãe aparece ao meu lado. – Meu Deus, saia da chuva, garoto. Vai pegar pneumonia.

Ela puxa Mateo pela camiseta e o leva até a sala.

- Harry, pegue uma toalha para este garoto. – Ela coloca as mãos na cintura. – Mick, veja se tem alguma roupa que sirva nele.

- Não é necessário, ele estava de saída.

- Não estava. – Mateo diz.

Eu semi cerro meus olhos e minha mãe me lança aquele olhar de repreensão que toda criança de nove anos teme.

- Querido, o que você veio discutir com Lia?

- Vim falar sobre um assunto da escola.

Apesar de ele ser desagradável, não quero discutir o que ele fez comigo, como me permiti ser enganada e humilhada por ele.

- Às dez da noite? – Meu pai retorna com toalhas.

- Sim, peço desculpas pelo horário, senhor O’Coonor.

- Não, não, é Lodge, eu não sou O’Coonor.

- Ah, peço desculpas.

Mick retorna com as roupas.

- Acredito que estas servirão.

- Muito obrigado, senhor O'Coonor.

- Não. – Minha mãe diz. – Nenhum homem desta casa é O'Coonor, chame-nos pelo nome, está bem?

- Está bem, peço desculpas.

- Sua mãe sabe que você veio a essa hora da noite discutir assuntos da escola?

- É... não?

- Está bem, ligue para ela e avise que vai pernoitar aqui.

- O quê?! Como assim ele vai dormir aqui?

- Querida, está muito tarde para levá-lo ou para ele ir sozinho.

- Ele pode pedir um Uber.

- Ophelia, olhe para a chuva lá fora, você realmente acha que algum Uber aceitará a corrida?

Vejo um pequeno sorriso no rosto de Mateo. Reviro os olhos e vou para o meu quarto.

A chuva cessa por volta da meia-noite, vou até a sala nas pontas dos pés apenas para vê-lo mexendo no celular, enrolado no edredom de visitas com um sorriso no rosto.

Vou por trás do sofá e acerto um tapa em seu braço.

- Ai! – Ele solta o aparelho. – Isso doeu.

- Não era para ser um carinho, por que ainda está aqui?

- Você quer que eu vá embora na madrugada?

- Sim.

- E se eu morrer ou for assaltado?

- Irei ao seu funeral, prometo.

- Podemos conversar, por favor.

- Não estamos fazendo isso agora?

Ele se senta no sofá.

- Eu não fiz tudo aquilo para brincar com você ou te fazer de idiota, queria te contar, mas você parecia tão feliz por ele ter lido a carta que não quis te deixar triste.

- Por quê? Você mal me conhecia.

- Conhecia sim, sei quem é Ophelia O'Conor desde a sétima série, antes mesmo de você conhecer Theodore, desde aquele tempo, eu nutria sentimentos por você. Não, não era apenas um gosto casual, eu me apaixonei por você. Não queria ser o responsável por despedaçar seu coração, queria lhe proporcionar tudo o que você desejava, mas não posso lhe oferecer essa paixão, pois o meu irmão gêmeo não nutre sentimentos por você, ele está atraído por Theodore. Sei que você já está ciente, mas Matias é gay. Peço desculpas por ter te enganado.

Incapaz de formular uma resposta para isso, me viro e retorno ao meu quarto.
Deito-me na cama, pois, não consigo conciliar o sono.

Bom jogo!

Ophelia

A noite de domingo não se apresenta como a mais quente, portanto, ainda estou agasalhada. Retorno de trás das arquibancadas, guardando o meu celular no bolso. Mateo está próximo às garotas, segurando um copo de chá.

- E então? – Ele me questiona, entregando-me o copo.

- Nada, está dando fora de área.

- Tentou falar com a irmã dele?

- Sim, ela disse que não está em casa, mas que tentaria falar com ele.

- E isso resolve algo? – Ele indaga, se aproximando.

- Sinceramente, não. – Respondo, sentindo meus ombros murcharem.

Mateo abre a boca com a intenção de dizer algo, mas é interrompido pelo grito de Keilla:

- Lia, precisamos que você se alongue!

Reviro os olhos, dando um gole no chá que ele me trouxe, logo entregando-o a Mateo junto ao meu casaco.

- Boa sorte! – Ele me deseja.

- Bom jogo!

- Só de você estar aqui, torcendo por mim, já é um excelente jogo!

Ele sai em disparada e me deixa sorrindo à toa.

- Lia, venha logo!

Bufo, correndo até as demais, alongando-me junto a elas.

Estou sendo maquiada quando Matias se posta à minha frente.

- Onde Theo está?

- Não sei.

- Como não? – Ele posiciona as mãos na cintura. – Vocês não são melhores amigos?

- Sim, mas não nasci colada a ele.

Visivelmente irritado, Matias sai batendo os pés.

- Lia, onde Theodore está? – Keilla me pergunta assim que me aproximo das outras líderes de torcida.

Para ser sincera, não é o fato de me perguntarem onde ele está que me irrita, mas sim, não saber o seu paradeiro.

- Não sei onde ele está.

- Como não?

- Sou amiga dele, não a mãe.

Ignoro a careta que ela faz, voltando a focar no que as outras garotas falam.

Não muito depois, estamos todas com um belo sorriso no rosto e com os pons pons em mãos, esperando até que seja dito o nome de cada jogador, para gritarmos e balançarmos o máximo que conseguimos os pons pons, animando a torcida.

O primeiro tempo finalmente se encerra com Mateo recebendo um cartão amarelo por fazer a terceira falta no time adversário, Matias tinha ferido o seu joelho e ido para o banco, e nada de Theo aparecer.

É impossível manter uma pirâmide humana sem ter seis pessoas na base, mas, mesmo assim estou me equilibrando em uma perna só enquanto chocalho os pons pons.

- Não estou mais aguentando! – Rick suplica.

- Só mais sete minutos, faça um esforço, por favor! – Digo ainda sorrindo para o público.

- Não dá, não dá! – Nick diz, sem ao menos esperar uma resposta, se livrando da pirâmide humana. Não consigo manter o equilíbrio por muito mais tempo e acabo torcendo o pé em minha queda.

A última lembrança que tenho antes de enfim perder a consciência é de Mateo ao meu lado, suado e ofegante.

É... ajudando o Theo?

Ophelia

Já transcorreu uma semana desde o desastre que foi aquele jogo. O time da escola acabou perdendo, visto que Mateo decidiu abandonar a partida assim que eu desmaiei. Theo não aparece desde então e apenas responde às mensagens ocasionalmente.

- Vocês não conversaram ontem? – Mateo me questiona enquanto me acompanha pelo corredor.

- Não, enviei algumas mensagens, mas ele não respondeu a nenhuma.

- Podemos visitar o apartamento dele após a aula, se desejar.

- Ele está bem – Matias interrompe, posicionando-se ao lado de seu irmão. – Passei por lá antes de vir para a aula.

- Você não se cansa de perturbá-lo?

- Não acredito que essa palavra se encaixe em meu relacionamento com Theodore.

- Ele bateu com a cabeça? – Pergunto a Mateo, que dá de ombros.

- Você deveria reconsiderar a sua amizade. Fui vê-lo e é a quarta vez consecutiva que, além de acompanhá-lo até o mercado, tomamos café juntos.

- Theo não aceitaria café de estranhos.

- Por isso mesmo ele aceitou o meu.

- Isso não pode ser possí... – Sou interrompida pela secretária da coordenadora.

- Com licença, senhorita O’Coonor, poderia me acompanhar?

- Claro, mas aconteceu algo? – Digo, um tanto receosa.

- Não, a Liz apenas precisa de uma informação sua. Por favor, venha comigo.

Acompanho-a até o fim do corredor, virando à direita e adentrando na ala de funcionários. A secretária me encaminha até a sala da coordenadora e aguarda até que eu esteja sentada para se retirar e fechar a porta.

- Como vai, Ophelia?

- Estou bem. Qual é a informação que a senhora precisa?

- Alguns professores têm reclamado bastante sobre a ausência de Theodore Hernandez – Ela coloca suas mãos na mesa. – Sei que isso pode não ter nada a ver com você, mas, segundo esses professores, vocês são melhores amigos – Ela espera até que eu confirme com a cabeça para continuar. – Tentei entrar em contato com o responsável pelo senhor Hernandez, mas ninguém atendeu. Você sabe se aconteceu algo?

- Não tenho uma resposta, peço desculpas.

- Não há motivos para se desculpar, querida. Mas vocês não trocam nenhuma mensagem?

- Theo não é bom com tecnologias.

- Ah sim, claro, compreendo. Caso tenha alguma notícia dele, por favor, informe que estamos preocupados – Ela se levanta me guiando até sua porta. – Vi a sua queda no jogo de domingo, está melhor?

- Estou me recuperando, agradeço por perguntar.

Ela sorri, abrindo a porta e me guiando para a saída.

- Tenha boas aulas, senhorita O'Coonor.

Retribuo o sorriso e me afasto de sua sala. Preciso visitar Theo.

Após a escola, dirijo-me ao apartamento de Theo, acompanhada por Mateo, subindo pelas escadas de emergência.

- Acredita que ele estará em casa?

- Não, mas espero que sim.

Ele acaricia meu braço, tomando a iniciativa no caminho.

- O que você faz aqui? – Ele questiona a alguém e eu apresso o passo para alcançá-lo.

Matias está na frente da porta de Theo, que, por sinal, está aberta. Ele sorri ao nos ver ali.

- O que você faz aqui? – Indago.

- Estou... ajudando o Theo?

- Ajudando o Theo? – Ergo as sobrancelhas.

- Sim, eu o encontrei na frente do mercado com algumas sacolas e me ofereci gentilmente para ajudá-lo. Era óbvio que ele aceitaria.

- Isso é mentira – Diz o próprio Theo, saindo de seu apartamento e se recostando no batente da porta. – Ele insistiu muito e eu não queria causar alvoroço em frente ao mercado onde vou toda semana.

- Traduzindo, vamos nos casar e frequentar aquele mercado todas as terças-feiras juntos.

- E o que vocês dois fazem aqui?

- Vamos dar um pouco de privacidade a vocês – Mateo passa o braço por cima do ombro de seu gêmeo, puxando-o para longe dali.

- Viemos ver como você está.

- Juntos?

- Ele gosta de mim.

Antes que eu possa responder, ele cruza os braços, erguendo uma sobrancelha.

- E por acaso isso anula as mentiras?

- Não! Ei, me diga, o que Matias faz aqui?

- Ele não mentiu para mim e não estou andando com ele.

- Por que tem faltado às aulas?

- Minha mãe precisa de mim e eu não tenho ninguém para cuidar dela.

- Ah, Theo! – Envolve-o em meus braços.

Chá

Mateo

Chego à casa de Lia faltando alguns minutos para ela sair para a escola. Trago comigo um chá gelado repleto de chantilly e raspas de chocolate, além de três donuts.

- O que faz aqui? – Ela pergunta, trancando a porta.

- Trouxe café! – Digo, levantando o copo. – Na verdade, é chá.

- Obrigada – Ela responde, embora sua expressão denote desconfiança.

- Posso pedir uma carona?

- Trouxe-me chá para isso?

- Não, trouxe chá para ter uma desculpa para ficar mais próximo de você – Respondo, exibindo meu sorriso mais otimista.

Ela estreita os olhos, aceitando o chá.

- Apenas verdades aqui! – Digo, seguindo-a até seu carro. – Alguma notícia do Theodore?

- Ele me mandou mensagem mais cedo – Ela responde, tomando um pouco do chá e sujando o nariz.

Tão adorável.

Usando o meu indicador, limpo o seu nariz e, em seguida, levo o dedo à boca. Dou uma risada ao ver a expressão de confusão em seu rosto.

- Estava sujo – Digo com um sorriso. – Então, seu amigo vai para a aula?

- No segundo tempo – Ela liga o carro. – Ele disse que tem algumas coisas para resolver agora pela manhã.

- O Matias vai com ele?

- Eu realmente espero que não.

- Você gostava dele há três semanas atrás.

- Gostava até descobrir que ele é um mentiroso em tempo integral e um stalker nos horários vagos.

- Ele só mentiu porque eu pedi – Passo um donut para ela. – E o Theodore não parece incomodado com o Matias o stalkeando.

- A mente dele está repleta de problemas, ele está focando no que pode ser um dano a longo prazo.

- E nós?

Ela desvia o olhar da estrada por um instante, olhando para mim.

- O que tem nós?

- Somos algo a longo prazo?

- Prefiro não responder.

Theodore só aparece na escola cinco minutos após o intervalo começar, acompanhado de Matias.

- Eles parecem próximos, não é? – Comento com Ophelia, que está ao meu lado.

- Aparentemente, sim – Ela concorda, seguindo-os com o olhar.

Logo, os dois se acomodam lado a lado à nossa frente. A carranca costumeira de Theodore se desmanchou e agora deu lugar ao cansaço e à exaustão que dominam sua feição. Seus olhos estão caídos e as profundas olheiras comprovam que ele não tem dormido bem. Seu corpo está curvado em uma postura que causa desconforto só de ver, além do mais, ele está visivelmente mais magro.

Piquenique virtual

Mateo

Já se passaram duas semanas desde que Theodore retomou a frequência escolar e, além de Lia, Matias também tem dedicado toda a sua atenção a ele. Sabemos que ele está enfrentando algum problema em casa, contudo, ele não compartilha e Lia se recusa a nos informar.

- Você pegou os morangos? – Ela pergunta do outro lado da linha.

- Sim, está tudo aqui.

Como ela tem dedicado todo o tempo possível a Theodore, só dispomos da madrugada para conversar. Por isso, estamos realizando um piquenique virtual neste momento.

- Você tem bolo, correto? – Pergunto.

- Sim, de morango.

Ela está vestida com uma camiseta desgastada e meias que alcançam seus joelhos, sentada em uma manta, já que não possui uma toalha de piquenique.

- E você?

- Tenho, ele é de laranja.

Ela sorri e posso apostar que o sol acabou de nascer, mesmo sendo 2:45 da madrugada.

- Bom – Ela se acomoda sobre os calcanhares. – Peço desculpas, sei que isso não é exatamente um piquenique, mas, é tudo o que posso oferecer no momento.

- Não é um piquenique porque você não tem uma toalha para isso. Quem não tem uma toalha de piquenique? – Ela ri, revirando os olhos. – Sério, Lia, isso está perfeito para mim.

- Sério?

- Sim, só pelo fato de você ter me concedido mais essa chance, já é perfeito.

Ela sorri e é quase impossível não acompanhá-la.

Faltando sete minutos para as quatro, arrumamos toda a bagunça e nos dirigimos para o quarto.

- Já está deitado?

- Sim, e você?

- Estou indo agora mesmo – Ela diz, ficando no escuro. – Então é isso, boa noite.

- Boa noite – Antes que ela desligue, chamo-a novamente.

- Sim?

- Eu te amo – Então desligo, indo dormir.

Você veio

Ophelia

Já se passaram duas semanas desde que Mateo pronunciou a palavra com “A” em uma das diversas noites que passamos conversando.

- Você me ouviu? – Theo me pergunta, abrindo o seu armário.

- É... não?

Ele revira os olhos, entregando-me um panfleto que anuncia que a próxima semana será o baile.

Baile? Como assim, baile? Como irei a esse baile? Vou com Theo, como no ano anterior, ou vou com Mateo?

- Você já tem uma roupa?

- Eu não irei.

- Não vai onde? – Matias pergunta ao se aproximar e colocar seu braço por cima do ombro de Theo.

Eles formam um casal fofo.

- Ao baile – Respondo, observando Theo tentar se livrar dos toques de Matias.

- Como não? – Matias diz, após dar uma risada. – Claro que vai, e vai comigo.

- Está pensando em se assumir? – Pergunto, curiosa.

- Por Theo, sim.

- Você não deve fazer isso por alguém – Diz Theo, se virando para Matias. – Faça por si mesmo, não te pedi por isso – Ele diz, antes de entrar na sala de matemática.

- Ah, Lia – Matias diz, estendendo-me um envelope. – Mateo pediu para lhe entregar.

- Mateo?

- Sim, ele mesmo. Estou indo, tchau.

Na carta enviada por Mateo e entregue por Matias, fui convidada para encontrá-lo em um campo um pouco afastado da cidade. É exatamente isso que faço, mas levo Theo comigo.

- Você veio! – Matias exclama, estou ficando melhor em reconhecê-los. – E ainda trouxe o Theo!

- Onde está seu irmão?

- Ele está te esperando lá – Ele diz, apontando para o topo de uma colina, onde há um balão pousado. – Theo fica aqui comigo.

Olho para Theo, que assente, ficando ao lado de Matias. O crepúsculo já paira sobre o céu quando inicio a caminhada até o topo. Ao finalmente chegar lá, o céu já está escuro e as estrelas o banham com seu brilho.

- Você veio – Mateo diz ao me ver.

- Você me chamou.

Não quero mais, sempre preferi Pepsi

Ophelia

Mateo auxilia-me a subir no cesto do balão e não solta a minha mão quando ele começa a ganhar altitude.

- Você não tem medo de altura?

- Posso enfrentar até o inferno se você estiver ao meu lado – Ele aperta a minha mão enquanto sorri.

Isso é o que fazemos quando estamos apaixonados, não é?

Retribuo o sorriso, apertando suas mãos de volta, pois sei que, se estiver com Mateo, enfrentarei o paraíso e o inferno, porque também estou apaixonada por ele.

Não solto a sua mão nem por um segundo, nem mesmo quando meus olhos se arregalam ao ver as lanternas flutuantes iluminando o céu.

- Preciso que você solte a minha mão por um instante.

- E se você desmaiar?

- Eu não vou, confie em mim.

Embora relutante, faço o que foi pedido, agarrando seus ombros logo em seguida, já que Mateo se ajoelha à minha frente.

- Fique tranquila, ainda estou vivo – Ele diz com um sorriso. – Bem, eu admito que menti para você em relação ao Matias, mas quero que saiba que jamais menti em relação aos meus sentimentos. Sei que é uma desculpa inútil, já que te machuquei de qualquer forma, mas quando menti, a última coisa que eu queria era te magoar. E quando eu disse “eu te amo”, espero que tenha sentido a minha sinceridade, pois nunca fui tão sincero quanto naquele dia. Ophelia O’Coonor, eu não só quero te amar de longe, quero ver seu sorriso de perto e espero que a sua resposta seja sim. Você quer namorar comigo?

- O que? – Digo, surpresa. – Pensei que fosse me convidar para o baile.

Seus ombros murcham e ele dá um sorriso desanimado, voltando a se levantar.

- Bem, quer ir ao baile comigo?

- Só vou ao baile com você se estivermos namorando.

Ele sorri, segurando a minha cintura.

- Então isso é um sim?

- Mateo, eu te amo, é óbvio que é um sim!

Ele sorri como se tivesse encontrado a forma de viver para sempre em meus olhos e então me beija.

Matias

Theo espera até o balão ganhar altitude para se afastar, indo até o carro de Lia, que está ao lado do que Mateo alugou para nos levar até aqui.

- O que ele quer com a Lia? – Ele pergunta, recostando-se no carro de braços cruzados. Tão atraente.

- Pedir a ela em namoro – Respondo, aconchegando-me ao seu lado. – Quando será a nossa vez?

- Nossa vez de quê?

- Nada, deixa pra lá. Quer Coca-Cola?

Por um instante, ele parece pensar e então assente com a cabeça.

- Tudo bem, eu quero, obrigado – Ele diz, um pouco sem jeito.

Vou até o carro preto ao lado do de Lia, pego uma lata do refrigerante e entrego a ele.

- Aceite essa Coca-Cola como uma aliança para firmar o nosso relacionamento.

Ele devolve o refrigerante.

- Não quero mais, sempre preferi Pepsi – Ele diz, afastando-se enquanto eu gargalho.

- Theo, volte aqui! – Digo, correndo atrás dele assim que ele começa a correr.

- De jeito nenhum, seu tarado!

- Não fale assim do seu futuro namorado!

Ouçõ a sua risada quando abraço sua cintura e nós dois caímos no chão.

- Quer ir ao baile comigo? – Pergunto, em meio às risadas.

- Por que não?

- Isso é um sim?

- Sim, isso é um sim, só não me faça me arrepender.

Informações

Depois de um capítulo em específico (não vou saber qual é pois não vou ler essa merda pela quinta vez) eu comecei a odiar essa história e terminei ela apenas pelo Theo e o Matias, que futuramente pretendo escrever uma história só dos dois.

*Tem uma parte do capítulo “**não somos amigos**” na pasta história aleatórias.*

Junto com essa história teria Estou A Sonhar Com Você (que se você não se lembra era a história do Championg e do Benjamin), mas, eu troquei de celular e perdi todos os capítulos.

Informação de Draco que eu sempre esqueço de contar!

E eu sempre esqueço de falar, mas, a Eclý e como ela ficou presa por milhares de anos e também como o Draco foi preso, foi inspirado no desenho Star VS a força do mal onde uma rainha de Miniw a Eclipsa (minha rainha preferida) ficou presa por 300 anos em um cristal por ser considerada má, e a Eclý também foi inspirada nela.

*Até **Oscar Winning Tears** ou qualquer outra história que vier antes dela.*



Oscar

winning tears

"Com essas lágrimas, querido, você seria o vencedor do Oscar."

Juan Neves

shire
@shiroguss